

# “Isso não é um cachimbo”: sobre usuários de crack, seus artefatos e suas relações<sup>1</sup>

Taniele Rui<sup>2</sup>

**Resumo:** Focando no objeto mediador necessário ao consumo de crack, o cachimbo, viso, neste artigo, articular relações sociais e materiais concernentes a esse universo. A partir deste artefato, boto em relevo a atuação das políticas de redução de danos e suas diferenças e divergências diante da abordagem policial. Indico também a relevância das suas composições para a identificação de uma cena de uso e, principalmente, problematizo as fronteiras que ligam, mas também separam, pessoas e coisas.

**Palavras-chave:** cachimbos, usos do crack, “etnografia das coisas”.

**Abstract:** In this paper, my main attention is on the *pipes* of drug users. My intention is to articulate the social and the material relationships that compose this universe. Through this artifact, I pay attention and compare harm reduction policies and public security policies. I also show the importance of this object to identify a use scene and, finally, I put in question the borders between people and things.

**Keywords:** pipes, crack, “ethnography of things”.

---

1 Agradeço imensamente às Profs. Dras. Heloísa Pontes, Maria Filomena Gregori e Rosana Pinheiro Machado, bem como à colega Magda Ribeiro; as quatro são as maiores incentivadoras desse projeto de tomar os cachimbos como objetos de análise. À Rosana Pinheiro Machado agradeço, ainda, a possibilidade de apresentar e discutir uma versão inicial do texto no V ENEC, que foi depois reformulada para comunicação no Seminário *Tráficos, violência urbana e o consumo de psicoativos*, realizado na Faculdade de Saúde Pública da USP em novembro de 2010. Sou grata também à Clarissa Rahmeier por me enviar seus textos e ao prof. Dr. Omar Ribeiro Thomás, com quem tive o privilégio de discutir o livro de Sonia Silva (2004).

2 Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Unicamp, bolsista FAPESP, tanielerui@yahoo.com.br

*Em uma roda, Vivian, o namorado e mais um homem preparam os seus cachimbos num “mocó” na linha. Com muita concentração esfrelam a pedra e a acomodam em cima das cinzas de cigarro, num cachimbo feito por eles mesmos. O de Vivian foi confeccionado a partir de um cano de PVC marrom, o do seu namorado a partir de um isqueiro cortado ao meio. O do terceiro homem foi produzido com uma lâmpada: ele havia feito um furo na parte mais cilíndrica dela e, em cima, tendo tirado o seu bocal, depositava as cinzas e a pedra. Um dos redutores se interessa por essa feitura incomum e fala: “deixa eu ver o seu **Bóris**?”. O homem olha com um aspecto assustado de quem fica surpreso diante do fato de saber que o redutor compartilhava da sua forma de nomear o cachimbo e prontamente o oferece para observação. O redutor elogia a feitura e diz a ele que seria mais interessante se conseguisse colocar água dentro do Bóris e o adverte: “a borra do cachimbo faz muito mal para o corpo. Se você colocar água, ela se dissolve, daí você não fuma isso, entendeu?” (Caderno de Campo, Campinas, 10/03/2009)*

A situação acima, ocorrida já no segundo dia de pesquisa de campo, foi a primeira de muitas semelhantes presenciadas ao longo do meu trabalho de campo junto a usuários de crack das cidades de Campinas-SP e de São Paulo<sup>3</sup>. Era uma terça-feira, por volta de quatro horas da tarde. Sete pessoas: três usuários de crack, três redutores de danos e eu. Os três primeiros preparavam o crack e o fumavam, enquanto os redutores ofereciam materiais educativos de prevenção aos possíveis danos decorrentes do uso da substância. Eu apenas observava. A feitura de um cachimbo até então incomum, produzido a partir de uma lâmpada, chamou a atenção do redutor, que pediu para ver o *Bóris*. Em fração de segundos, o olhar rápido dos dois, a um só tempo surpreso e cúmplice, despertou meu interesse. O cachimbo tinha nome, um nome próprio.

Como uma antropóloga avisada, já sabia – pela leitura dos textos Bourdieu e Delsaut (1975), Pina Cabral (2008), Pontes (2008) – que o nome identifica, referencia, comunica e, no auge da sua consagração, produz uma “curiosa contaminação de prestígio” em tudo e todos que estão ao seu redor. Ali, naquela linha de trem e naquela situação precária, não foi diferente. Saber o nome do cachimbo e partilhar de vocabulário tão cifrado garantiu ao redutor o privilégio não só de poder observar aquele objeto nas mãos, como também abriu portas para que suas ideias sobre saúde fossem transmitidas. Por um momento, partilharam um segredo e uma informação. Sete pessoas conversando sobre o cachimbo e o cachimbo pondo todos nós em relação.

O cachimbo é também o tema do texto em tela. Menos pelo que ele é e mais pelo que ele conecta<sup>4</sup>. A relação estabelecida entre esses usuários e os objetos mediadores do consumo da droga e o que essa interação informa acerca das relações sociais que configuram esse universo é o principal objetivo do texto. Pois é sobre os cachimbos que versam a maioria das minhas conversas com esses usuários, é em torno deles (e de seus usos higiênicos) que boa parte da política de redução de danos se assenta e, além disso, chamam atenção as apreensões policiais desses objetos, num processo metonímico para classificar seus portadores e justificar a ação dos órgãos de segurança pública. Como busco mostrar, uma análise mais atenta desses materiais também permite vislumbrar outros atores (como os comerciantes locais, representantes legais e mídia) participantes do complexo social e material do qual os usuários de crack são parte e, ainda, esses objetos e seus restos merecem atenção porque eles são inseparáveis

3 Mais especificamente, os dados apresentados foram recolhidos entre fevereiro de 2009 e novembro de 2010, junto ao então Programa de Redução de Danos (PRD) da cidade de Campinas e à ONG É de Lei, que realiza semelhante trabalho em São Paulo, na região que ficou conhecida como “craçolândia”.

4 Lição aprendida com Levi-Strauss que, no seu estudo sobre as máscaras, escreveu: “Fui incapaz de responder a todas estas interrogações enquanto não compreendi que, tal como os mitos, as máscaras não podem ser interpretadas em si e por si, como objetos isolados. [...] Nesta perspectiva, portanto, dever-se-á constatar que as funções sociais ou religiosas atribuídas aos vários tipos de máscaras que opomos para comparação se encontram entre si na mesma relação de transformação que a plástica, o grafismo, e o colorido das próprias máscaras, encaradas como objetos materiais.” (LEVI-STRAUSS, 1979, p. 15-16).

da constituição e identificação de uma cena de uso, são sinais que orientam a caminhada dos usuários, dos redutores de danos, de uns cem números de instituições assistenciais e religiosas, da polícia e, também, desta antropóloga. Enfim, ao falar do cachimbo, falo também do consumo de crack e mostro como ele está imerso em relações pessoais e sociais com coisas, lugares, pessoas, instituições e ideias<sup>5</sup>.

Seguindo o ensinamento de Appadurai (2008, p.17), o objetivo de centrar a atenção nos cachimbos é, sobretudo, *metodológico*. Assim como o autor, não tenho dúvida de que as coisas não têm significados afora os que lhes conferem as transações, atribuições e motivações humanas. Contudo, essa “verdade formal”, diz ele, não lança qualquer luz sobre a circulação das coisas no mundo concreto e histórico. É por isso, para entender o que se passa, que Appadurai nos pede para seguir as coisas em si mesmas, pois os seus significados estão inscritos em suas formas, seus usos e suas trajetórias. Ou seja, embora do ponto de vista *teórico* atores humanos codifiquem as coisas por meio de significações, de um ponto de vista *metodológico* são as coisas em movimento que elucidam seu contexto humano e social<sup>6</sup>.

Contudo, essa “verdade formal” não impede com que, em alguns casos, haja um trânsito de agência entre coisas e pessoas, dado que a agência, como afirma Gell (1998, p.16-19), é a capacidade de pessoas ou coisas incitarem relações sociais. O seu exemplo não poderia ser mais claro: uma garotinha que ama a sua boneca e que a tem como melhor amiga. Se a boneca e o irmão da garotinha estivessem se afogando, ela salvaria sua boneca? É claro que não. Mas o fato de ela saber que a boneca não é um ser humano não a impede de ter relações afetivas com ela. O mais importante é termos em conta que os objetos são seres sociais com os quais interagimos. Nesse sentido, o caso dos cachimbos a ser analisado na sequência se assemelha muito, usando os termos de Jackson (2004, p.19), “à forma como tendemos a incluir na nossa humanidade as coisas que nos são queridas, que nos acompanham nas dificuldades e incorporam as nossas memórias”.

E se em alguns momentos as coisas podem ser pessoalizadas, ainda é preciso considerar o fato não menos verdadeiro de que as pessoas também podem ser tratadas como coisas. Nas palavras de Silva (2004, p.36), “sermos pessoas implica sempre a possibilidade de sermos ignorados, esquecidos, esmagados, abandonados, postos de parte, maltratados, destruídos, como se fôssemos ninguém. O risco de nos tornarmos uma coisa está sempre presente”. Nada mais descritivo da realidade dos usuários de crack, cujas histórias de sofrimento não cabe aqui recuperar. Ainda assim, é de notar o contraste entre o pouco que falam sobre suas vidas e o muito que dizem e fazem com os cachimbos. Tal contraste não me parece aleatório. É assim, num contexto em que pessoas coisificadas interagem com coisas pessoalizadas, que a minha reflexão encontra espaço.

De agora em diante e partindo fundamentalmente de dados empíricos, pretendo mostrar como a inteligibilidade da experiência do uso de crack é inseparável da reflexão acerca desses cachimbos. O texto está dividido em quatro partes. Começo por mostrar como os cachimbos constituem e se diferem de acordo com a cena de uso, depois os apresento como insumos oferecidos pelos Programas de Redução de Danos (PRDs), em seguida parto para a noção de

---

5 É preciso aqui notar que esta análise é parte da tese de doutorado que venho escrevendo, focada nos usos e gestões do crack. Portanto, esta via analítica não substitui outras formas de adentrar na questão nem de observá-la. É apenas uma maneira de dar visibilidade a processos que poderiam ser igualmente vislumbrados a partir de outras perspectivas.

6 Um longo e complexo debate marca o modo como a antropologia aborda a relação entre pessoas e coisas, bem como o chamado mundo material. Não é o caso de retomá-lo. Para um panorama da questão, recomendo a leitura da entrevista que o antropólogo britânico Daniel Miller concedeu à Vianna e Ribeiro, publicada na Revista de Antropologia da USP (2009), bem como o número especial da Horizontes Antropológicos (v.13, n.28, 2007) dedicado ao assunto.

vínculo estabelecida entre profissionais de saúde e usuários e a fronteira da humanidade e, ainda, mostro exemplos de apreensão policial. Com tal movimento, espero contribuir com uma descrição mais acurada da complexidade desse universo.

## Cenas de uso

Um dos trabalhos dos PRDs observados consiste, resumidamente, em ir até os locais de consumo de drogas e levar informações preventivas para os usuários. Para tanto, estão baseados em preceitos de cidadania e direito à saúde sem ter como foco o ideal de abstinência. Na cidade de Campinas, andei por muitos mocós, um termo que na linguagem nativa serve para indicar os becos, as casas abandonadas, linhas de trem, regiões específicas de bairros periféricos e galpões desocupados que garantem aos consumidores mais extremados de drogas como o crack uma certa privacidade e radicalidade da experiência. No caso de São Paulo, me centrei na região que ficou conhecida como *cracolândia*<sup>7</sup>, por agrupar grande quantidade de pessoas consumindo crack publicamente. Esta região é alvo de políticas de segurança, de saúde, assistenciais e urbanísticas.

Dois territorialidades, uma mais privada, outra mais pública, têm implicações bastante significativas no consumo e na relação com os cachimbos.

Em muitas das visitas que fiz na cidade de Campinas, eu e os redutores levávamos cerca de quarenta minutos a uma hora e meia de ônibus ou a pé para chegar aos locais e, ao fim, era frequente encontrá-los vazios. Nesses espaços, a um só tempo repudiados e excessivamente vigiados pelo poder público, mas que proporcionam privacidade no consumo da droga, o que se vê, além de materiais de construções abandonados, são muitos papéis que embrulham o crack, palitos de fósforo, isqueiros, restos de alimentos e de roupas, cobertores, cartões telefônicos usados para a separação das porções de crack ou cocaína, alguns tocos de madeira que usam para sentar, latas de alumínio grandes que servem de apoio para preparar e separar o crack, latas de refrigerante e embalagens de iogurte usadas como cachimbo, excreções humanas e lixo, muito lixo. A constante ida a esses lugares re-orientou minha forma de caminhar pela cidade, a minha “enunciação pedestre” (De Certeau): passei a andar de cabeça baixa, olhando para o chão, procurando papéis quadriculados verdes e pretos, cápsulas de embalagem de cocaína, restos de alumínio e de materiais que pudessem formar um cachimbo de crack. Andava em busca de pistas de onde os usuários pudessem estar.

Sabíamos que um lugar era um espaço de consumo de “drogas” menos pelas pessoas que ali estavam e mais pelos objetos deixados no local. Ou seja, a existência desses objetos deixava pistas que faziam o PRD de Campinas atuar. A relação entre espaço e consumo de crack é estreita. A feitura de um cachimbo, por exemplo, não é possível de ser realizada em qualquer cenário. Há que se ter um tempo e um espaço específico para tal. Com uma folha de alumínio,

---

7 Baseados no trabalho de Perlongher (2008), Frúgoli Jr e Spaggiari (2010) mostram que a chamada região da *cracolândia*, no bairro da Luz, pode ser descrita a partir de uma “territorialidade itinerante” e de um “campo de relações”. Como uma “territorialidade itinerante” está situada numa certa área urbana, mas é sujeita a deslocamentos que variam de acordo com a repressão ou intervenção exercidas e/ou com a dinâmica das relações internas. Como um “campo de relações”, a região também passou a ser sinônimo de degradação e criminalidade urbanas decorrente da grande presença nas ruas do bairro de usuários de crack, homens, mulheres, meninos e meninas em situação de rua e/ou prostituição associados simbolicamente a uma série de estigmas como sujeira, perigo, ameaça à segurança (principalmente no período da noite, drogas, encrenca, vergonha) – o que gerou uma série de outros atores sociais envolvidos na repressão, mediação, ajuda, incriminação dos primeiros. É importante destacar também que como uma “territorialidade itinerante” e relacional, a sua identificação se dá pela corporificação dos usuários ou consumidores de crack: ela é onde eles estão!

um isqueiro cortado ao meio, cano de PVC, porcas de parafuso, sacolas plásticas, pedaços de bambus, de antenas de rádio ou de guarda-chuvas é possível fazer um recipiente que, ao receber uma base, em muitos casos protegida com um papel alumínio picotado com algum material cortante, está pronto para que o pó de crack, ou a pedra inteira, se misture às cinzas de cigarro. O uso de latas de refrigerante ou embalagens de iogurte também é comumente observado.

A territorialidade de uso importa aqui porque, quando o cenário não possibilita a feitura desses objetos, o cachimbo se torna mercadoria. Na região mais pública da *cracolândia*, cachimbos são fabricados e vendidos por alguns comerciantes do local, por comerciantes de drogas que fazem a venda casada da *pedra* com o cachimbo e por outros usuários. Dependendo do material utilizado, o valor pode chegar até dezessete reais (caso de um cachimbo feito de cobre que um usuário todo orgulhoso da sua aquisição veio me mostrar). No local, uma estranha semelhança dos cachimbos chama a atenção; em sua maioria, os canudos são feitos com pedaços de antenas de rádio e o recipiente onde será realizado a queima é feito a partir de peças vendidas em lojas de materiais de construção ou de materiais elétricos. As fotos abaixo mostram a diferença dessa fabricação:



Foto 1. (Neger Borges, PRD / Campinas)



Foto 2. (Neger Borges, PRD / Campinas)



Foto 3. (Taniele Rui, PRD / Campinas)



Foto 4. (Thiago Calil, É de Lei / São Paulo)

Ainda, é de se notar que, num cenário de uso itinerante como o é a *cracolândia*, os cachimbos são mais facilmente descartáveis, ora pelo constante trânsito dos usuários, ora pela excessiva abordagem policial – o que, de um lado, estimula a procura e a venda desse objeto, de outro, nos remete ao tópico da distribuição de insumos levada a cabo pelos programas de redução de danos, uma vez que os usuários na fissura, sem cachimbo e sem dinheiro para comprar outro

estão mais suscetíveis a compartilharem-no. Preocupados com esse uso comum, os PRDs tentam formas de diminuí-lo. Para seguirmos adiante na reflexão, é necessário então examinar as ações de saúde pública.

## Quando os cachimbos podem transmitir doenças

Os Programas de Redução de Danos usam a palavra insumo para designar os materiais preventivos/educativos disponibilizados aos usuários durante as abordagens. Nos *folders* oferecidos aos usuários (de que é exemplo o ilustrado abaixo), os cachimbos merecem destaque. Nota-se uma preocupação especial e uma orientação específica ao não compartilhamento deles, com o intuito de evitar a transmissão de doenças como hepatites B e C e herpes<sup>8</sup>.

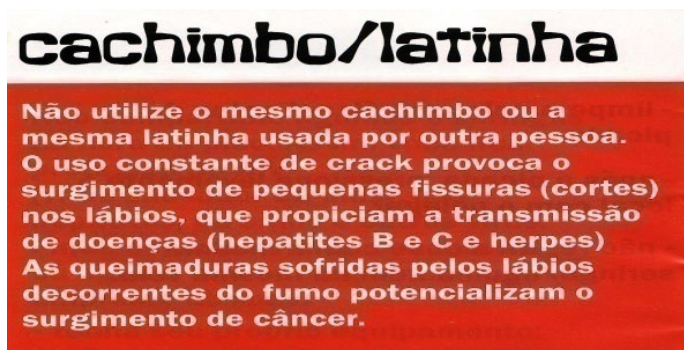


Figura 1: Folder elaborado e distribuído pelo PRD/Campinas

Para realizar o trabalho, em Campinas os redutores entram nas rodas de uso, oferecem *folders* e camisinhas e, numa linguagem mais popular, repetem as informações. Na cidade de São Paulo, os redutores oferecem piteiras de silicoes para serem anexadas ao cachimbo e manteigas de cacau para a cicatrização e hidratação de feridas bucais. Cada vez mais há o desincentivo do uso de latas para a inalação de crack porque estas aumentariam a superfície de contato com o redor da boca, aumentando as queimaduras (o que torna a região propícia tanto à transmissão quanto ao contágio de doenças). Além disso, não sabendo a proveniência da lata esta poderia transmitir diversas infecções. Assim, frequentemente os redutores também aconselham a, se usar na lata, lavá-la antes. Já ouvi também redutores aconselharem o uso de crack no cigarro, misturado com maconha com o objetivo de diminuir a quantidade de crack fumada. Por fim, ainda aconselham os usuários a não fumarem as cinzas que ficam no cachimbo, a chamada *borra*, que eles raspam e aproveitam depois de terem fumado toda a *pedra*. Esse hábito é o que provoca maiores discussões e, segundo os redutores de danos, é o mais difícil de ser modificado. Além disso, entre os redutores de Campinas há um grande debate sobre a distribuição de cachimbos porque poderia ser visto pelos usuários como um “assistencialismo”. Alegam que, diferentemente das seringas (que não podem ser fabricadas), o cachimbo é passível de ser reproduzido manualmente. Segundo os redutores, essa práti-

<sup>8</sup> É de notar um paralelo interessante entre tais *folders* e os manuais observados em *sex-shops* que foram objetos de análise de Gregori (2010), nos quais se vê uma tentativa de ensinar técnicas de exercício sexual. Tal como os manuais de ginásticas, eles são fruto de uma mesma tradição: *a de moldar o corpo pelas técnicas e dicas de desempenho adequado*. Nesses manuais, como mostra Gregori, a pornografia perde sua conotação de obscenidade e adquire um sentido de saúde e de fortalecimento do eu.

ca deveria ser incentivada porque faz com que os usuários, ao confeccionarem seus próprios utensílios, desenvolvam uma “prática de auto-cuidado”.

A distribuição dos insumos aqui descrita é fruto de uma série de mudanças ocorridas na política de redução de danos a usuários de drogas, iniciada no país no começo dos anos noventa e à época mais direcionada aos *usuários de drogas injetáveis (UDI)*, em função da epidemia de AIDS. A fórmula da troca de seringas ficou bastante conhecida. Tal histórico fez com que muitos *PRDs* estivessem, em seu surgimento, atrelados a esse tipo de uso e atuação; muitas vezes, como é o caso do núcleo de Campinas, situados no interior dos centros de referência às DSTs e AIDS. O crescimento do uso de crack acompanhado do decréscimo de uso injetável fez com que os programas repensassem o público alvo atendido, bem como os insumos oferecidos. Vê-se assim que, do ponto de vista da atual política de redução de danos, a produção de um corpo higiênico e saudável do consumo de crack passa por uma forma específica de utilização dos materiais. Cabe, ainda, indagar como e se as “dicas” de saúde estão sendo incorporadas pelos usuários, como e quais materiais estão sendo substituídos.

Nesse sentido, um importante documento que pode nos dar pistas para entender essa interação é a tese de doutorado de Andrea Domanico (2006), dedicada à análise do processo de implantação e desenvolvimento das estratégias de redução de danos em *cinco projetos-piloto* para usuários de crack desenvolvidos no Brasil e financiados pelo Programa Nacional de DST/Aids do Ministério da Saúde. Ela é tanto um registro histórico das estratégias de enfrentamento, uma avaliação desses projetos e um relato minucioso das negociações políticas de condução dos planos de ação.

Para os meus propósitos, sua tese também servirá como objeto empírico que mostra a relação entre os projetos, os cachimbos, os usuários, a política ministerial e os diversos atores sociais que interagem com a questão. Importante notar que a autora não explicita os nomes dos projetos, nem indica sua localização, apenas procede numerando-os. Para apresentá-los, seguirei, assim, a sua própria ordenação. Em itálico marco a descrição de Domanico, seguida da minha observação sem algum grifo especial. Por fim, convém observar que todos os projetos foram pilotos e que a tentativa de produzir um cachimbo que pudesse, posteriormente, ser distribuídos pelos *PRDs* no país foi abortada, evitando uma exposição política – o que será descrito adiante<sup>9</sup>.

No projeto 1, Domanico diz que a ONG observada estava distribuindo cachimbos para usuários de crack e recebeu uma intimação para prestar esclarecimentos sobre o trabalho desenvolvido. A queixa foi registrada por um advogado que teve acesso ao kit para uso de crack e o considerou inadequado para ações de saúde pública. O fato teve repercussão ainda maior quando o apresentador de um programa televisivo sensacionalista convidou tal advogado para uma entrevista e fez colocações extremamente agressivas sobre o projeto, assim como à redução de danos como política pública de saúde.

Logo de cara, percebe-se que a distribuição de cachimbos aciona um dilema moral: a distribuição de cachimbo é uma “apologia” ou incentivo ao uso de crack? Um dilema que, como já mostraram Vargas (2001) e Fiore (2006), permeia o debate público e político sobre o assunto e impede uma discussão mais complexa da questão. Nada mais emblemático que um advogado e um jornalista sensacionalista, representantes da lei e do senso-comum, para nos lembrar de tal fato.

---

<sup>9</sup> Necessário ressaltar que a descrição dos projetos constitui parte importante da tese de Domanico (2006, cap. 5, p. 95-170). Neste texto, utilizei minhas próprias palavras a fim de resumir apenas os pontos que considere relevantes para meu argumento.

O projeto 2 iniciou a distribuição do cachimbo de madeira, mas ele não foi bem aceito pelos usuários, que alegavam vários problemas: achavam o cachimbo muito grande e, por isso, muito difícil de esconder no caso de uma batida policial; achavam também que, quando raspavam a borra, ela vinha com pedacinhos de madeira, ficando com gosto na hora de fumar; alegavam, ainda, que o cachimbo “roubava” a droga na hora do uso porque sua grelha não é vedada e, por fim, criticavam o fato de ele não ser desmontável, o que dificultava a raspagem da piteira. Surgiram, então, as piteiras de silicone, que deveriam ser usadas individualmente e adaptadas aos diversos tipos de cachimbo na hora do uso. Após a utilização, o usuário tira a sua piteira e passa o cachimbo para o outro, que coloca a sua piteira e fuma a droga.

O cachimbo aqui repercute a ameaça de perseguição policial (tema que ainda será abordado nesse texto) e também, ao ser distribuído, passa por uma avaliação dos usuários. Inicia-se, então, a tentativa de fazer os saberes da saúde pública interagirem com o dos usuários de crack. É a distribuição do cachimbo de madeira que começa a tornar mais explícito os hábitos de consumo e, uma vez de posse deles, vê-se o quanto o insumo planejado era ineficaz. Nada seria feito de cima para baixo. A *piteira* nasce, pois, como uma mediação entre os dois pólos: os usuários fariam seus próprios cachimbos (ou, num cenário que não possibilita isso, o comprariam de alguém que conhece melhor o hábito de consumo) e o PRD distribuiria a *piteira* individualizada.

No projeto 3, a equipe de redução de danos considerava inadequado o material utilizado pelos usuários para a confecção de seus próprios cachimbos, feitos a partir de pilhas usadas, isqueiros, cápsulas de bala de revólver e seringas que tinham sido utilizadas para injetar droga anteriormente. Diante do susto, a equipe decidiu fazer uma reunião com os usuários para discutir sobre a confecção de cachimbos mais apropriados. Segundo Domanico, os cachimbos produzidos nessa reunião ainda assim eram inadequados, mas a equipe entendia que tal estratégia poderia servir para aumentar o vínculo com os usuários – o que de fato aconteceu, embora não tenham conseguido elaborar um cachimbo menos danoso.

O que se passou com esse projeto é interessante na medida em que explicita que, mais que um mero insumo, falar sobre o cachimbo é também um modo de entrar em contato com o usuário, de estabelecer um contato afetivo, de criar um vínculo. Por meio de um objeto concreto, cujo uso correto pode implicar em mais ou menos contato com infecções, também se estabelecem laços de afinidade que, segundo os profissionais de saúde, são fundamentais para que os usuários cuidem de seu próprio corpo. Voltarei a esse tema mais adiante.

O projeto 4 também teria promovido conversas com os usuários, perguntando-lhes a respeito do material necessário para o “cachimbo ideal”. A associação de moradores da comunidade emprestou a sede para que a oficina acontecesse. Os usuários disseram que eram tubos de PVC e uma dobra de tubo também chamada de joelho, além de um laminado que tinha que ter uma espessura diferente para a grelha que deveria ser presa com fita crepe. Os redutores logo trataram de angariar recursos para produzir tal cachimbo em quantidade maior. Teriam contado a Domanico que, ao comprar os tubos, o dono do armazém forneceu gratuitamente alguns a mais, pois compreendeu que os cachimbos confeccionados ajudariam a evitar que os usuários usassem qualquer material pego no lixo. Depois da oficina, o cachimbo de PVC tornou-se um “sucesso” e sua circulação na rua começou a crescer. Por conta disso, a equipe começou a temer uma intervenção mais repressora da polícia. Só com o passar do tempo, a equipe teria percebido que aquele não era o cachimbo ideal, pois na hora da raspagem ia com PVC e tudo. Mas, da mesma maneira que a criatividade na confecção dos cachimbos ocorria, os



usuários do projeto, depois de acirradas discussões sobre os malefícios da sua raspagem, criaram uma maneira de retirar a borra sem precisar raspar e começaram a chamar tal forma de limpeza de “ciência”. O coordenador do projeto teria lhe dito:

*Eles perceberam que a raspagem era furada, porque vinha um monte de coisas junto, e aí começaram a lavar os cachimbos com álcool. Então, eles enchem o cachimbo com álcool, fecham com os dedos e chocalham o álcool dentro deles, aí eles despejam o líquido num prato e colocam fogo, aí fica um óleo no prato que eles misturam com cinza de cigarro, raspam tudo junto, colocam no cachimbo e fumam. (apud DOMANICO, 2006, p. 155)*

O movimento aqui é um pouco diverso: primeiramente, o PRD assentiu quanto ao conhecimento dos usuários para só depois perceber o risco da ingestão de PVC e, num movimento bastante interessante, após várias discussões, os usuários teriam elaborado a sua própria “ciência”. Fruto, portanto, de um intenso diálogo. Ainda, nesse projeto, chama atenção outros atores sociais, como a associação de moradores e o dono do armazém que começam a ajudar na causa.

A coordenadora do projeto 5 que, como muitos semelhantes, inicialmente foi desenvolvido com o objetivo de conter a epidemia de aids entre os usuários de injetáveis da cidade, estava no final da sua formação em serviço social, escrevendo sua monografia sobre o uso de injetável, quando começou a se deparar com o crescente aumento de usuários que relatavam usar crack. Nesse momento, uma redutora do projeto, que era usuária de crack e de injetável, contou para equipe como era o uso de crack e disse para a coordenadora que sabia fazer um cachimbo de bambu. A coordenadora solicitou que ela fizesse alguns cachimbos, foi para o campo e os distribuiu para os usuários testarem. Eles aprovaram e iniciaram uma discussão mais direta com a equipe sobre o uso de crack e os insumos necessários para seu uso. Os insumos distribuídos eram os cachimbos de madeira, confeccionados por alguns redutores-usuários com a ajuda de um marceneiro. No início do projeto, os cachimbos eram feitos de bambu, mas depois, com o aumento da demanda e das conversas com os usuários, foi sugerido que se criasse um cachimbo desmontável; nisso tiveram a ajuda de um torneiro mecânico que criou com eles o cachimbo que, até o segundo semestre de 2005, era distribuído. A confecção do cachimbo é bem barata, porque a parte aonde vai a grelha é doada por uma fábrica de cabos de vassouras, e a piteira, que também é de madeira, é confeccionada no torno. O custo maior é na compra do laminado para fazer a grelha e da fita crepe para prendê-la. Nesse projeto, os usuários vinculados teriam dito preferir o cachimbo à lata, eles dizem que se sentem mais seguros por causa do herpes e das hepatites. Já outros usuários revelam que usam o cachimbo procurando diminuir as fissuras labiais que, após a orientação dada pela equipe do projeto, começaram a perceber como sendo causadas pelo crack. Passaram então a usar os cachimbos e perceberam que isso diminuía as lesões. O marceneiro, o torneiro mecânico, a fábrica de cabos de vassouras começam a contribuir com a fabricação do cachimbo.

A atuação do projeto 5 também chama atenção pelo contato com os usuários e pela reflexividade que acompanha a experiência. O contato com a equipe de saúde parece ter sido bastante relevante na preferência dos usuários pelo cachimbo, assim como para iniciar a percepção de que fissuras labiais eram decorrentes do uso e da queima da droga. Apropriaram-se também de um saber técnico, ao afirmarem preferir o cachimbo para evitar herpes e hepatite.

A observação conjunta dos projetos descritos por Domanico mostra, de um lado, como os cachimbos evocam dilemas morais, fantasias sobre perseguição legal e policial; de outro, as conversas sobre os cachimbos apontam para um duplo movimento reflexivo entre os progra-

mas de redução de danos e os usuários. Visto mais de perto, esse diálogo complexifica as tradicionais visões sobre o poder disciplinar do saber médico e também coloca em xeque as idéias de que usuários e profissionais de saúde fazem parte de realidades estanques e autônomas. Como se vê, há um trânsito de informações, que torna mais difícil precisar um suposto “mundo dos usuários de crack”, indicando, assim, que um conhecimento mais detalhado dos hábitos de consumo de usuários de crack implica ter em conta as redes de profissionais de saúde que passam a fazer parte de seu cotidiano. A recíproca também é verdadeira. O conhecimento é tão misturado a ponto de deixar a antropóloga presa num emaranhado de informações em que já não é possível mais distinguir um “conhecimento nativo” de um “conhecimento especializado”, como revela o trecho de uma entrevista que um *reductor* me concedeu:

[fumar o crack] não é legal para o pulmão, devido à cinza. Acho que se tivesse outro jeito de usar o crack seria muito mais saudável. Porque no outro dia você tá tossindo umas pastas de pó preta. Se você fumar com alguém, você pode pegar pneumonia, tuberculose. [...] É mais saudável fumar no cachimbo, porque você fuma menos. Na lata, que eles fumam por onde sai o líquido é um buraco enorme, sai mais. No cachimbo não, você rega a quantidade. O efeito é o mesmo, mas é mais saudável pelo cachimbo. Você fuma menos, puxa menos, economiza, vem menos cinza, né? Porque na latinha tem gente que faz uns buracos e no cachimbo, às vezes, faz uma redinha de aço bem fininha e fica mais saudável, de preferência de madeira, se der pra fazer cachimbo de madeira, é melhor.

E se os cachimbos põem em destaque a circulação de saberes entre representantes da saúde pública e usuários de crack, eles também apontam os diversos atores sociais, sobretudo representantes de um comércio considerado “legal” (de que são exemplos o dono do armazém, o marceneiro, o torneiro mecânico e o dono da fábrica de vassoura) que participam da fabricação de um produto cuja utilização só faz sentido e só se completa no seio de uma economia ilegal. Como já afirmou Pinheiro-Machado (2008, p. 126), “as mercadorias, dependendo por onde transitam e como transitam, assumem ora a face da legalidade/formalidade, ora da ilicitude/informalidade”. São os cachimbos, bem mais que os usuários e os *reductores*, que conseguem transitar de modo radical, com liberdade e segurança, por pólos moral e legalmente opostos.

Desse modo, com o até aqui exposto, em termos analíticos podemos dizer que o que o cachimbo é está indissociavelmente ligado a quem o usa, onde e de acordo com quais ideias sanitárias. Falta ainda descrever a relação afetiva que o envolve e os casos em que ele se torna alvo de represália policial.

## **Construção do vínculo, fronteira da humanidade**

Se por um lado, como descrito acima, os *reductores* se esforçavam em encontrar cachimbos capazes de tornar o uso de crack menos danoso à saúde, por outro, eles não gostavam, e não gostam até hoje, de ser confundidos com “meros doadores de insumos”. Em entrevistas, conversas e relatos fica clara essa inquietação. Assumem fortemente a proposta política da atividade que realizam e vêem o cachimbo (e também a distribuição dos outros tantos materiais educativos) como uma forma de iniciar a aproximação, visando o estabelecimento de um *vínculo* – palavra cada vez mais usada nas políticas de caráter mais progressistas<sup>10</sup> -- entre o

---

10 Para uma discussão teórica e possíveis conseqüências políticas da noção de *vínculo*, recomendo a análise de Feltran (2010) acerca do CEDECA-Sapopemba. Para uma descrição mais afetiva da interação face-a-face entre agentes de saúde e moradores de rua da cidade de Paris, ver Cefai (2010).

profissional e o indivíduo atendido que dote o segundo de recursos materiais, mas sobretudo emocionais, para iniciar uma reflexão sobre a situação na qual se encontra. Baseado numa relação intersubjetiva, o *vínculo* é descrito a partir de uma linguagem política fortemente baseada no respeito aos direitos humanos. Nota-se, assim, que o cachimbo é importante porque aciona uma proximidade, cujo objetivo é fazer o usuário perceber que tem “direito a ter direitos”. Por meio do cachimbo, pode-se até chegar à “consciência política”.

É aqui então que o texto volta para o seu início. E que a cena descrita na abertura do artigo encontra solo histórico, social e político. Como já escrito, contrastando com a dificuldade de obter informações detalhadas sobre a trajetória pessoal e social dos usuários, observa-se uma grande ênfase em conversas que giram em torno dos objetos utilizados para o consumo de crack. Não me parece, contudo, que seja aleatório que se fale desses objetos justamente para aqueles profissionais que buscam fortalecer laços de confiança e afeição, sobretudo se tivermos em conta que, junto com a droga, esse é o principal objeto que deve ser escondido ou deixado de lado em caso de abordagem policial. Portanto, essas conversas dizem muito mais. Elas ganham a esfera da intimidade. E, ainda, para meus propósitos elas são importantes porque mostram que a relação entre os usuários e seus utensílios está muito longe de ser meramente instrumental. No vocabulário local, escutei muitas vezes os nomes “Bóris”, como já dito, e “Catarina” como referência aos cachimbos. Mas a cena abaixo, descrita por um redutor durante entrevista, parece indicar uma ainda mais complexa e delicada interação:

Um dia eu cheguei em um lugar e conheci uma senhora que usava crack, até traficava no local também. No primeiro dia que eu tava no ambiente com as pessoas do redução de danos, um dos primeiros dias em campo, ela chegou em mim e falou: “vem cá, vem cá, vem cá, vou te apresentar o perninha”. Eu falei: “legal, vamo conhecer o perninha”, achando que o perninha era um filho dela, um cara. Daí ela tirou do bolso o cachimbo de crack e falou: “eu sou o perninha, muito prazer”. E eu olhei e pensei: “como assim perninha?” daí eu percebi que a relação dela com aquele cachimbo de crack era realmente uma relação pessoal com aquilo, não era simplesmente um instrumento, um cachimbo de crack só, não. Eu tive que catar o cachimbo na mão, dizer: “prazer perninha”, sabe? E ela: “cheira o cachimbo pra você ver o cheiro gostoso que tem”, né? E eu assim, poxa, cru, falei: “vamos aí, né, meu?”, cheirei o cachimbo, aquele cheiro forte de crack, de cinza e refletindo: “ela gosta disso”, né meu? “Esse é o barato dela”. E ela perceber que eu tive essa relação, que eu conheci o perninha, fez com que ela não ficasse com um pé atrás comigo e a gente conversou, sentou e trocou maior idéia...

Para além de mostrar a relação próxima estabelecida entre a usuária e o *redutor* por meio da atitude amistosa do segundo, a cena revela uma afeição entre a usuária e aquele cachimbo, chamado por ela de “perninha”. Se a cena nos parece estranha ou digna de algo que beira a irracionalidade, voltemos ao exemplo que Gell (1998, p.18-19) dá acerca de si mesmo e da sua relação com o seu carro, um toyota, chamado de “toyolly” por sua família, ou simplesmente “olly”. O carro é muito bem cuidado e, em troca, só quebrou em situações que não deram aos seus donos um grande inconveniente. Contudo, se o Toyota quebrar uma noite, longe de casa, Gell diz que considerará tal feito uma traição, ingratidão e considerará o carro culpado por isso. O autor diz: “Eu sei que tais sentimentos são um tanto quanto bizarros, mas eu também sei que 99% dos donos de carros, assim como eu, atribuem personalidade aos seus automóveis”<sup>11</sup>. E é por essa razão que ele diz respeitar formas de interação entre pessoas e objetos que ele não é capaz de compartilhar.

---

11 Tradução livre minha.

Assim, para compreender a relação dessa usuária com o seu cachimbo é preciso, primeiro, afastar a idéia de irracionalidade. Depois, há que se suspender o caráter utilitário do cachimbo, como já nos alertaram Sahlins (2003) e Douglas e Isherwood (2009) e como tentei fazer ao longo deste texto. E, por fim, é necessário que se leve em conta a possibilidade de identificação entre a coisa e a pessoa, o gosto, assim como o contexto social no interior do qual a relação é estabelecida.

Ao longo da minha pesquisa de doutorado tenho me deparado com uma série de representações midiáticas que se fartam em enunciar trajetórias pessoais e dramas familiares nos quais o crack atua como detonador dos conflitos, responsável pela ruptura de laços afetivos e sociais. Por causa do crack, dizem as notícias, perde-se o controle, o caráter, a vergonha e a dignidade; até a alma se perde um pouco<sup>12</sup>. Creio que recuperar o contexto de reprodução midiática e também lembrar das constantes situações de agressão e do descaso que marca a vida de grande parte desses usuários é relevante para entender a relação dessa mulher com o seu cachimbo. Mas acredito que seu entendimento só se completa com a descrição de outra cena que presenciei entre três meninos e uma menina, todos em situação de rua e todos usuários da droga. Na minha frente, eles começaram a tirar sarro da menina dizendo “*ela fumou naquela lata nojenta, que passa barata*”. Riam muito enquanto ela, entre a vergonha e a indignação, gritava para mim com os olhos lacrimejados: “*é mentira, tia, eu só fumo no cachimbo*”. A fala da psicóloga do PRD/Campinas, em entrevista, pode indicar um modo de entender o que se passou aí:

[se fala que] o crack é a nóia, o crack é fedido, o crack é porco e dentro dos que usam crack, tem ainda os que usam no cachimbo e os que usam na lata, os que usam na lata são a podridão da podridão, né?

Tais experiências somadas me mostravam também que o cachimbo marcava hierarquias e diferenciações internas entre os próprios consumidores; mas ao observá-las todas em conjunto elas parecem dizer mais. Levando em conta a precariedade que marca as suas vidas, não seria o uso de crack no cachimbo a fronteira última de humanidade e dignidade de que podem dar prova esses usuários? Se assim for, a menina que chorava pra mim porque fumava no cachimbo – e não numa lata nojenta que passa barata – pedia para que eu reconhecesse a sua capacidade de discernimento e de escolha, portanto sua capacidade de ser gente. Se assim for, também consigo contextualizar a relação daquela senhora com o “perninha”. Ter o seu próprio cachimbo pode revelar o grau máximo de até onde alguém pode se assujeitar.

## **Apreensão policial, à guisa de conclusão**

Por fim, através dos cachimbos podemos notar as disputas entre as secretarias de saúde e a de segurança, como nota este trecho retirado também da tese de Domanico (2006, p. 189, grifos meus):

Numa visita a campo no projeto dois pudemos constatar o despreparo policial. **Enquanto a equipe estava num lado da rua conversando e distribuindo insumos, no outro lado a polícia passava e com um alicate quebrava os cachimbos dizendo: “A secretaria de saúde distribui e a secretaria de segurança recolhe”**

E uma vez que os cachimbos também falam sobre seus portadores, eles podem se voltar con-

---

12 Cf: “Até a alma eu perdi um pouco”. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 15 jan. 2005, Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/indices/inde20012005.htm>>. Acesso em: 22 fev. 2012.

tra eles e acusá-los. Esses mesmos materiais passaram a ser objeto de apreensão policial, informações adicionais na caracterização/explicação de atos infracionais, como mostram as reportagens abaixo:

Acusada de roubar a carteira do porteiro Evangelista Oliveira, 49, uma garota de 16 anos foi apreendida e espancada por dois policiais militares ontem à tarde na avenida Manuel Bandeira, na Vila Leopoldina (zona oeste).[...]

Antes de deter a jovem, os PMs deram-lhe vários socos e chutes. Quando já estava algemada e dentro do carro da polícia, ela bateu com as algemas nos vidros e um dos PMs jogou gás pimenta em seu rosto. [...] **Os PMs disseram à Polícia Civil que encontraram com a jovem um cachimbo usado por viciados em crack, isqueiros e uma chave de fenda.**<sup>13</sup> (grifos meus).

Com o objetivo de inibir a criminalidade, encaminhar e promover o resgate à autoestima dos cidadãos em situação de rua, a Prefeitura realizou nesta terça-feira, dia 19 de janeiro, mais uma edição da ação integrada do mutirão “Bom dia morador de rua”, a primeira em 2010. Os trabalhos tiveram início às 6h30. [...]

Segundo Darci Silva, os cidadãos passaram por triagem e foram identificados pela Polícia Militar. Segundo o Major João Carlos Arraes, foram apreendidos na operação desta manhã objetos cortantes como facas e facão, **além de isqueiros e cachimbos para uso de craque**(sic), e também objetos perfurantes e pontiagudos<sup>14</sup> (grifos meus).

Como se vê, os cachimbos passam a ser emblemas da marginalidade urbana. Apreendê-los significa dar mostras do trabalho policial e da luta dos órgãos de repressão em conter os “desvios de conduta”. É quando cachimbo denota sua face mais radical: a violência simbólica pode adquirir forma e concretude física. O processo de desumanização desses usuários se intensifica.



Com o exposto ao longo de toda argumentação e para finalizar, espero ter mostrado a relevância de observar o mundo material para o entendimento do mundo simbólico e das relações sociais face-a-face. Como essa afirmação não faz sentido sem o enfrentamento de um conjunto de fatos concretos e específicos, a minha análise privilegiou a descrição empírica. No caso observado, os cachimbos põem em relevo as cenas de uso, a criação de um mercado, o dilema moral presente na sua distribuição, o trânsito de saberes entre profissionais de saúde progressistas e os usuários, os diversos atores que participam desse universo, a busca de uma consciência política, os limites entre pessoas e coisas e a ameaça de violência física e simbólica presente no cotidiano desses usuários.

---

13 Cf. “PMs agridem jovem acusada de roubar carteira”, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 set. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/inde15092009.htm>>. Acesso em: 22 fev. 2012.

14 Cf. “Tolerância Zero realiza primeira operação ‘Bom dia morador de rua em 2010’”, publicado em 19/01/2010. Disponível em: <<http://www.campinas.sp.gov.br/noticias-integra.php?id=445>> Acesso em: jul. 2010.

## Referências

- APPADURAI, Arjun. Introdução: Mercadorias e a política de valor. In: \_\_\_\_\_. (Org.) *A vida social das coisas, as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: EDUFF, 2008. p.15-88
- CEFAI, Daniel. *Provações corporais: uma etnografia fenomenológica de moradores de rua de Paris*. Revista Lua Nova, n.79, 2010. p. 71-110.
- DOMANICO, Andrea. Craqueiros e Cracados: bem-vindo ao mundo dos nóias! Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, UFBA, 2006.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro, editora da UFRJ, 2009.
- FELTRAN, Gabriel. *Margens da Política, Fronteiras da Violência: uma ação coletiva das periferias de São Paulo*. Revista Lua Nova, n.79, p.201-233, 2010.
- IORE, Maurício. *Uso de “drogas”: controvérsias médicas e debate público*. Campinas: Mercado das Letras, 2006.
- Frúgoli Jr, Heitor; Spaggiari, Enrico. *Da cracolândia aos nóias: percursos etnográficos no bairro da Luz*. Nau-USP, Ponto Urbe, n.6, 2010. Disponível em: <<http://www.pontourbe.net/edicao6-artigos/118-da-cracolandia-aos-noias-percursos-etnograficos-no-bairro-da-luz>>. Acesso em: 22 fev. 2012.
- GELL, Alfred. *Art and Agency: an anthropological theory*. Oxford: Clarendon Press, 1998.
- GREGORI, Maria Filomena. *Prazeres Perigosos: erotismo, gênero e o limite da sexualidade*. Tese de livre docência, IFCH-Unicamp, Campinas, 2010.
- JACKON, Michael. Prefácio. In: SILVA, Sonia. *Vidas em jogo: cestas de adivinhação e refugiados angolanos na Zâmbia*. Lisboa: Imprensa de Ciências sociais, 2004. , p. 17-21.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *A via das máscaras*. Lisboa: Editorial Presença, 1979.
- PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.
- PINA-CABRAL, João. *Outros nomes, histórias cruzadas: apresentando o debate*. Revista Etnográfica, v.12, n.1, p.5-16, 2008.
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *China-Paraguai-Brasil: uma rota para pensar a economia informal*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v.23, n.67, jun., 2008, p.117-133.
- PONTES, Heloísa. *Inventando nomes, ganhando fama: as atrizes do teatro brasileiro, 1940-1968*. Revista Etnográfica, v.12, n.1, , p.173-194, 2008.
- SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.
- SILVA, Sonia. *Vidas em jogo: cestas de adivinhação e refugiados angolanos na Zâmbia*. Lisboa: Imprensa de Ciências sociais, 2004.
- VARGAS, Eduardo Viana. *Entre a extensão e a intensidade: corporalidade, subjetivação e uso de drogas*. Tese de Doutorado. UFMG, Belo Horizonte, 2001.
- VIANNA, Catarina; RIBEIRO, Magda. *Sobre pessoas e coisas: entrevista com Daniel Miller*. Revista de Antropologia – USP, v.52, n.1, jan/jul, p.415-439, 2009.